

PEDAGOGIA DO DISPOSITIVO: O USO DA VIDEOCARTA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO CURSO DE PEDAGOGIA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n4-132>

Data de submissão: 13/03/2025

Data de publicação: 13/04/2025

Ariádne Joseane Félix Quintela

Doutoranda em História (UFGD). Mestra em Educação (Unir). Licenciada em História (Unir). Especialista em Tecnologias em Educação (PUC-RJ). Especialista em Educação a Distância (Sesc-TO). Especialista em Mídias na Educação (Unir). Especialista em Gestão Escolar (FAMA).

Professora no Instituto Federal de Rondônia (Ifro).

E-mail: ariadne.joseane@ifro.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8471-4443>

Marilandia Martins de Almeida Machado

Mestra em Educação (UNIR). Licenciada em Pedagogia (FIAR). Especialista em Psicopedagogia Institucional (FIAR). Especialista em Coordenação Pedagógica (UNIR). Especialista MBA em Gestão Pública (IFRO). Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Rondônia (IFRO).

E-mail: marilandia.machado@ifro.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0144-7326>

RESUMO

O presente artigo trata do desenvolvimento de um projeto de ensino de caráter interdisciplinar, realizado em um curso superior de formação de professoras e professores na modalidade EaD na Amazônia brasileira. A proposta tem caráter integrador por articular ensino, pesquisa e curricularização da extensão, dimensões necessárias para uma formação inicial de natureza omnilateral que pretende formar professoras e professores profissionais e conscientes dos desafios da carreira docente no ambiente escolar. A metodologia adotada foi a pedagogia do dispositivo que possibilita a experimentação, a autoria e a produção coletiva com diversos olhares sobre o universo escolar de escolas públicas de educação infantil, para possibilitar a transversalidade de linguagens entre cinema e educação sob a temática da inclusão por meio da produção de videocartas. Nossos objetivos foram: (i) compreender a inclusão como uma necessidade tangível, emergente e inadiável da agenda escolar, (ii) identificar problemas e ou limitações de inclusão no ambiente escolar, (iii) perceber-se como agente necessário para a promoção da inclusão na escola e, (iv) proporcionar reflexões que possam contribuir para intervenções de melhorias da inclusão por meio da produção do videocarta. Como resultados, obtivemos a produção de sete videocartas produzidas de forma colaborativa entre professoras e professores em formação, docentes e demais agentes escolares e as coordenadoras do projeto que, ao produzirem as videocartas criaram memórias de formação, experiências vividas, aprendizagens sobre a relação teoria-prática, assim como, proporcionaram reflexões sobre os desafios e as condições da inclusão na escola por meio de uma metodologia inovadora de projeto interdisciplinar, integrador, colaborativo e imersivo.

Palavras-chave: Pedagogia do dispositivo. Formação inicial de professoras e professores. Inclusão escolar. Videocarta. Pesquisa-ação.

1 INTRODUÇÃO

Formar professoras e professores no Brasil é uma tarefa de grande complexidade e, quando essa formação ocorre na modalidade a distância é necessário agregar fatores para além das políticas de valorização docente (Brasil, 2020) ou dos processos educativos em si, que tem se modificado a partir da introdução das tecnologias digitais com o intuito de abranger novas configurações nesses processos, abordados com maior ênfase na relação entre o financiamento da educação básica, a formação docente e o uso de novas tecnologias (Quintela, 2022; Gatti, 2011). Por que afirmamos que formar professoras e professores é de grande complexidade? Porque o trabalho docente é de especificidade humana e, portanto, exige “um alto nível de responsabilidade ética” (Freire, 1996, p. 144).

É no escopo da responsabilidade ética que propusemos a realização de um projeto interdisciplinar, integrador, colaborativo e imersivo por meio da pedagogia do dispositivo, uma abordagem metodológica que possibilita compreender o espaço escolar a partir de imagens, capazes de gerar uma experiência sensível com o mundo; imagens são “cenas vivenciadas [...] revelam formas de engajamento e reordenações das relações entre o estudante, a escola e a comunidade.” (Migliorin, 2016) ou as diversas subjetividades a partir da educação e sensibilização do olhar, uma proposta que se desafiou em corroborar com as críticas capacitistas para além da normalização de padrões excluidentes (Dos Santos, 2025).

O projeto foi desenvolvido no âmbito da disciplina Práticas colaborativas de estudos em grupo V (PCEG V), no 5º período da licenciatura em Pedagogia - EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifro), *campus* Porto Velho Zona Norte, como atividade avaliativa por meio da utilização de práticas inovadoras de ensino que articulassem as várias disciplinas em sua dimensão prática e realizassem atividades promotoras da colaboração docente, da interdisciplinaridade e da integração entre ensino-pesquisa-curricularização da extensão, além de se constituir como prática imersiva uma vez que as estudantes e os estudantes passariam determinado tempo na escola participante.

A disciplina PCEG V encontra-se alocada no Núcleo de estudos integradores e visa o enriquecimento curricular por meio de atividades práticas diversas com vistas à curricularização da extensão. A função essencial desse componente é possibilitar a interdisciplinaridade com os demais componentes do semestre que dialoguem as especificidades disciplinares em um determinado campo comum de interseção e, ao mesmo tempo, proporcione a integração ensino-pesquisa-curricularização da extensão. Tal articulação ocorre no 5º período do curso com as disciplinas do Núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos que pretende: investigar processos educativos e gestoriais, em diferentes situações; avaliar, criar e usar textos, materiais didáticos, procedimentos e processos de

aprendizagem que contemplem a diversidade social e cultural da sociedade brasileira. No Núcleo de aprofundamento, as habilidades em formação e ou necessárias são: observar, analisar, planejar, implementar e avaliar processos educativos; realizar diagnósticos educacionais; realizar intervenções pedagógicas; articular saber acadêmico, ensino, pesquisa e extensão em âmbitos escolares e não escolares.

Nesse viés, a disciplina PCEG V se constitui como espaço de interação, mas também, como estratégia para subsidiar o desenvolvimento do projeto, objetivando a realização exitosa das ações propostas para estudantes, docentes, escola e comunidade.

Considerando as disciplinas ofertadas no 5º período e focando no objetivo geral de cada uma delas, observamos a necessidade de sugerir um eixo temático capaz de circundar as disciplinas e promover a abordagem da atividade-fim, nesse caso: a videocarta. Assim, o eixo temático de abordagem foi a inclusão, para trazer à baila questões pertinentes ao ambiente escolar, identificar as limitações e ou problemas existentes, provocar reflexões que possam contribuir para possíveis soluções necessárias à escola.

Sobretudo, lidamos com a formação inicial de professoras e professores, na qual a relação teoria-prática é imprescindível, além de contribuir para uma formação robusta que aproxima docentes em formação com a realidade e com o seu campo de atuação, objetivando por meio da realização do projeto (i) compreender a inclusão como uma necessidade tangível, emergente e inadiável da agenda escolar, (ii) identificar problemas e ou limitações de inclusão no ambiente escolar, (iii) perceber-se como agente necessário para a promoção da inclusão na escola e, (iv) proporcionar reflexões que possam contribuir para intervenções de melhorias da inclusão por meio da produção da videocarta.

2 METODOLOGIA

Podemos classificar a atividade realizada durante todo o semestre no escopo da pesquisa-ação, para a qual Thiolent (2005, p. 16) define como:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A base empírica do projeto foi fundamentada na inclusão, percebida como um problema coletivo em instituições escolares que envolve: a) pesquisadores: docentes e estudantes da licenciatura em Pedagogia e, b) participantes representativos da situação-problema: professoras/es, estudantes, gestoras/es e demais agentes educacionais de escolas públicas de educação infantil e ensino

fundamental. Assim, de modo cooperativo, buscamos uma ação intencional no sentido de provocar “renovação da percepção que os indivíduos possuem da realidade social em que estão envolvidos” (Monceau, 2005, p.469), adotando como estratégia metodológica para a intervenção no cotidiano escolar, enquanto espaço social, a produção da videocarta que Migliorin (2016) aponta como uma metodologia ativa por engajar estudantes no processo de experimentação, tornando-se ao mesmo tempo, além de estudantes, pesquisadores e sujeitos de produção de conteúdo.

A abordagem utilizada no estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, pois seguindo essa perspectiva, o aprofundamento do assunto fundamenta-se nas experiências, percepções, vivências e aprendizados dos sujeitos participantes dessa pesquisa, ou seja, pauta-se na compreensão de dados que não podem ser quantificados. A pesquisa qualitativa também responde a questões muito particulares. A esse respeito Minayo (2001, p. 22) afirma que a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo de significados, [...] que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A realização das práticas deste estudo aconteceu em colaboração com as demais disciplinas ofertadas durante o referido semestre do curso da seguinte maneira: a) organização de grupos pelos acadêmicos; b) estudos teóricos sobre videocarta; c) seleção de escola pelos grupos criados; d) criação de roteiro de observação; e) observação; f) elaboração de roteiro para criação/elaboração da videocarta; g) gravação da videocarta; h) edição e configurações de videocarta; i) elaboração de sinopse; j) mostra de videocartas para a turma e demais envolvidos. Todos os procedimentos apresentados foram fundamentais para compreensão dos processos educacionais pelos acadêmicos, um momento oportuno para a concretização da teoria e prática na educação.

As etapas acima, nos permitem observar, nos moldes da pesquisa-ação, quatro fases: exploratória, planejamento, execução, análise e síntese. Na fase exploratória, as/os estudantes vivenciaram os estudos teóricos sobre a inclusão, se organizaram em grupos para discutir os textos e selecionaram as escolas. Na fase de planejamento, os grupos criaram um roteiro de observação para guiá-las/los na fase seguinte, partindo do entendimento da necessidade de delimitação da situação-problema; na fase executória, os grupos realizaram um procedimento básico e sistemático de pesquisa e muito necessário na produção de sentidos e de conhecimento científico que é a observação. Retomando novamente a fase de planejamento, foi criado um roteiro para a produção da videocarta com o objetivo de direcionar o que poderia ser abordado. Após esse procedimento, voltamos a uma nova etapa de execução que consiste na gravação da videocarta com base no planejamento anterior (roteiro). Por fim, a quarta fase foi a análise e síntese que nos levou para a edição e configuração do

material captado, momento em que cada grupo organizou a narrativa da situação-problema em *storyboard*, quando quadro a quadro as/os estudantes foram ocupando imagens e todo o processo construído por pesquisadores e representantes sociais em uma narrativa do gênero videocarta, elaboraram a sinopse que melhor representa a situação enfrentada e, depois compartilharam o resultado com a comunidade envolvida de modo cooperativo e participativo naquele contexto.

Todas essas ações se constituem como movimentos dos quais não podemos prescindir para o atingimento do objetivo da pesquisa-ação que é renovar a percepção da realidade social sobre determinada situação enfrentada na escola, nesse caso, a inclusão no ambiente escolar em todas as suas dimensões.

3 RESULTADOS

A realização do projeto foi um momento oportuno para que as/os acadêmicas/os desenvolvessem habilidades relacionadas ao trabalho colaborativo, organização, planejamento, definição dos objetivos a serem percorridos e alcançados através da videocarta. Sendo assim, obtivemos a produção de 6 (seis) videocartas que possuíam um tema central comum, a saber, a Inclusão na Escola. Todavia, cada uma com sua especificidade, pois foram sete escolas públicas de educação infantil e ensino fundamental que participaram do desenvolvimento desta metodologia, alcançando os seguintes resultados, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1- Videocartas produzidas de acordo com o título e a sinopse

Grupo	Título	Sinopse
1	A preferência de cada um	Mostra a grande diversidade e preferência de cada um, pela qual podemos observar que as pessoas têm gostos e preferências diferentes.
2	Olhares que incluem: vivências na sala do AEE	Trata da inclusão escolar em uma escola que é referência na cidade de Porto Velho, Rondônia. Através de vozes acadêmicas, que vivenciaram práticas pedagógicas e os desafios diários enfrentados na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). E mostra a importância, cooperação e o poder transformador da educação inclusiva, de como a empatia e o acolhimento podem fazer a diferença na vida dos alunos, promovendo um ambiente escolar mais igualitário.
3	Inclusão através do brincar: essencial na Educação Infantil	Videocarta voltada para a turma de pré-escolar I (Pré-I), destaca a importância da inclusão através do brincar na Educação Infantil. Mostra como as atividades lúdicas auxiliam no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, mas também promovem um ambiente inclusivo para as crianças, independentemente de suas habilidades. Apresenta exemplos práticos e reflexões sobre como o brincar pode ser utilizado como uma ferramenta poderosa para a inclusão, garantindo que cada criança tenha seu direito respeitado e valorizado.

4	Construção de Sentidos com caracteres: alfabetização humanizadora	Este vídeo convida você a conhecer uma forma diferente e envolvente de ensinar a leitura e a escrita às crianças. Baseado na metodologia de alfabetização humanizadora, "Construção de Sentidos com Caracteres" foca em ajudar os pequenos a descobrirem a magia da escrita de forma lúdica e significativa. Em apenas 5 minutos, mostramos como o simples ato de manipular letras e símbolos pode se transformar em um poderoso processo de criação e expressão.
5	A inclusão da criança autista na Educação Infantil	Nesta envolvente videocarta, exploramos a temática crucial da inclusão de crianças autistas na educação infantil, destacando os desafios enfrentados e as estratégias implementadas para promover um ambiente acolhedor e inclusivo. Por meio da entrevista, as professoras da creche compartilham suas experiências, perspectivas e práticas pedagógicas voltadas para a inclusão das crianças autistas. Elas discutem os desafios diários, como a necessidade de adaptações no currículo, a importância do suporte especializado e a sensibilização dos demais alunos e da comunidade escolar. Depois, as professoras escrevem uma carta para as crianças autistas, oferecendo palavras de carinho, reconhecimento e motivação. Elas destacam os progressos alcançados, os esforços diários e a importância da inclusão de cada criança no ambiente escolar.
6	Vivência na Educação Infantil em uma escola pública do município de Itacoatiara - AM	Trata-se de um relato com olhar sensível e atento de uma professora que atende a sala do AEE, e de uma cuidadora de sala de aula regular. Elas relatam os anseios e dificuldades vivenciadas no cotidiano educacional buscando acolher com amor e sensibilidade os alunos que vêm para estudar em uma escola pública do município de Itacoatiara/AM, podemos acompanhar a rotina de crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, e a forma como a Escola vem trabalhando de forma significativa na perspectiva inclusiva de alunos com necessidades especiais.

Fonte: Adaptação das autoras, 2024.

A elaboração das videocartas seguiu os procedimentos detalhados no tópico 2 deste artigo, sendo que a etapa de elaboração do roteiro só foi possível após um período de observação orientada e planejada junto às escolas participantes. As produções demonstraram a inclusão na escola por várias perspectivas (docente, discente e pela família) e, versaram sobre um tema bastante sensível e muito relevante para a instituição escolar com uma amplitude muito significativa para os sujeitos participantes do projeto, como pode ser verificado no Quadro 1. Cumpre ressaltar que a comunicação ativa entre os envolvidos foi sumamente importante e que a construção do roteiro e a edição demandaram mais orientações, visto que as ações deveriam coincidir entre roteiro e produto final, destacamos essa etapa como um momento de construção e reconstrução colaborativa.

Acrescentava-se à etapa final, a elaboração de uma ficha técnica, instrumento extremamente relevante para o público que vai ter acesso ao material produzido e também muito necessário para identificar as relações quanto à i) autoria, ii) co-autoria e, iii) protagonistas das narrativas produzidas. Abaixo, no Quadro 2, os elementos básicos disponibilizados no template da ficha técnica utilizada pelos acadêmicos.

Quadro 2 - Elementos básicos da ficha técnica

Ficha Técnica	
Elementos	Orientação
Título	Nome definido pelo grupo
Ano	Ano de realização do material
Dirigido por	Diretor(a)
Estreia	Dia, mês e ano previsto para estreia/apresentação
Duração	Tempo de duração da videocarta
Classificação	Para qual público é direcionada (adulto, família, criança)
Gênero	Videocarta
País de Origem	Local em que foi criado
Roteirista/Produtor	Autores que escreveram a ideia e estrutura e, que viabilizaram a produção da videocarta
Elenco	Todos que participaram da videocarta
Sinopse	Descrição de que trata o conteúdo da videocarta

Fonte: Adaptação das Autoras, 2024.

A ficha técnica foi fundamental para questões referentes às produções de vídeo de um modo geral, destacando que os elementos que compõem toda uma produção e que muitas vezes passam despercebidos por muitos de nós, por conseguinte, a ficha técnica torna-se uma maneira de dar crédito àquelas e àqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a elaboração de um determinado produto audiovisual.

Para encerramento do projeto os acadêmicos organizaram-se para um momento de mostra das videocartas em uma roda de conversa, partilhando relatos de experiência e compartilhamento de conhecimentos, consequentemente, foram elencadas as dificuldades enfrentadas durante a realização do projeto. Nenhum apontamento de erro foi realizado durante as apresentações, pois o objetivo não era direcionar erros, mas ao contrário, evidenciar as potencialidades e as aprendizagens construídas por meio da metodologia empregada para o desenvolvimento da atividade final por meio da construção colaborativa e por meio das experiências de cada um.

Esse projeto abriu um caminho de possibilidades para a utilização de recursos digitais no âmbito educacional por uma perspectiva pedagógica com base em uma metodologia ativa sob a concepção da pesquisa-ação de caráter interventivo-colaborativo. Alguns professores já planejam utilizar esse tipo de pesquisa em suas aulas, obviamente, que as dificuldades encontradas nesse

primeiro momento foram fundamentais para contribuir com o replanejamento e a reorganização de várias ações, além disso, acadêmicos e docentes a partir dessa experiência podem refinar a base teórica e a prática relacionadas a utilização da videocarta como estratégia de ensino, pesquisa e curricularização da extensão e, favorecer para que situações-problemas já enfrentadas sejam superadas de modo mais autônomo, reflexivo e com mais engajamento dos agentes educacionais.

4 DISCUSSÕES

Os jovens da atualidade estão inseridos nas tecnologias desde o nascimento nos mais diversos contextos, tal realidade faz com que professoras e professores precisem repensar o fazer pedagógico, tornando-se necessário rever estratégias com vistas aos interesses e as complexidades da juventude para que o processo ensino-aprendizagem seja um interesse do jovem (Paula e Leiro, 2020). Assim, acreditamos que a realização de um projeto de ensino com a utilização da Pedagogia do Dispositivo tendo a videocarta como uma estratégia de pesquisa na formação inicial de professoras/es, pauta-se na necessidade de permitir aos futuros docentes oportunidades de vivências práticas em ambientes reais, no chão da escola, relacionadas ao uso das ferramentas tecnológicas que fazem parte do cotidiano da maioria da população contemporânea, pois, a educação deve acompanhar os avanços históricos, culturais, sociais e tecnológicos da sociedade.

Nessa perspectiva, corroboram com a compreensão de que a educação pode/deve proporcionar possibilidades de uma formação capaz de tornar o sujeito/aluno crítico e ativo em relação ao uso das tecnologias dispostas, contribuindo para o letramento digital dos estudantes. A esse respeito Freitas (2010), define letramento digital como a capacidade que um indivíduo tem para compreender e utilizar as informações que são compartilhadas no meio social e cultural, utilizando-as de maneira crítica e estratégica, nos seus variados formatos e fontes.

Sobremodo, a videocarta se apresenta como uma possibilidade a ser construída pensando nas dimensões de inclusão em âmbito escolar, considerando ainda as subjetividades e os sentidos da escola para uma comunidade e pessoas diversas. Sobre o assunto Quintela (2022, p. 43) destaca que:

As novas tecnologias proporcionam inovação à educação, quando permitem que professores e estudantes ousem, no sentido de criar e produzir novas formas de ensinar e aprender – a exemplo dos ambientes virtuais de aprendizagem e de conteúdos gerados para dispositivos móveis, que caracterizam maior portabilidade e acesso livre, independentemente do ambiente físico.

No entanto, é válido ressaltar que a utilização da videocarta como ferramenta pedagógica no curso de Pedagogia foi um desafio para docentes e discentes, pois conforme descrito anteriormente, essa metodologia ainda é pouco recorrente em cursos superiores de licenciatura, sendo uma novidade

e até mesmo desconhecida para muitos profissionais do magistério, por isso, o trabalho colaborativo entre docentes pode ser descrito como fundamental para a realização e êxito da pesquisa.

Como vimos anteriormente, a videocarta consiste também na construção de uma narrativa que abarca sentidos para além da carta convencional ou do email e, torna-se uma forma de comunicar enriquecida por imagens e sons de mensagem singular potencializada pela linguagem audiovisual e pelo suporte digital, que possibilitam, entre outras coisas, a produção de sentidos e identidades e “uma nova forma de cultura global” (SANTAELLA, 1996).

Partindo dessa compreensão, Ribeiro (2019) *apud* Clarke e Adam (2012, p. 160) define a videocarta como uma narrativa digital que busca abranger “[...] todas as formas e processos narrativos produzidos e compartilhados digitalmente, incluindo narrativa, histórias somente com imagem, rádio histórias para internet e *podcasting*, e narrativa multimídia integrando imagem, som e talvez texto”. Ainda de acordo com o autor, as narrativas configuram-se como um espaço propício para a vivência de reconhecimento e autorreconhecimento dos sujeitos, colocando-os num processo de relação consigo e com outro, tornando-se protagonista e construtor da sua realidade. Conforme exposto em outro momento, o tema que embasou a proposta de realização da videocarta foi a inclusão, para isso, antes de mais nada algumas considerações são necessárias em sentido amplo:

Inclusão, como um paradigma de sociedade, é o processo pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana - composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos - com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações (Sassaki, 2009).

Para o autor, a inclusão tem pelo menos seis dimensões importantes a serem consideradas: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal; ou seja, deve ser adequada em todos os aspectos e para todas as pessoas.

Nas videocartas produzidas pelos acadêmicos essas dimensões ficaram bem evidentes durante o processo de produção e de compartilhamento. Os estudantes conseguiram fazer conexões entre as imagens captadas e a narração/som sobre o tema gerador. Dessa maneira, podemos afirmar que a atividade possibilita a integração de vários saberes de maneira significativa, apresentando diversas experiências e a compreensão da realidade, conforme demonstrado nos títulos das videocartas e, de acordo com Ribeiro (2019, p. 705), “A estreita ligação entre narrativa e experiência parece estar no exercício cognitivo [...] de selecionar, juntar, ordenar, organizar e atribuir sentido aos elementos do vivido”. Essas ações podem ser denominadas como um processo de criação e recriação, no qual permitem aos sujeitos envolvidos a participação em ações simultâneas de criação e descobertas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de um procedimento metodológico de pesquisa científica em integração com o ensino e a curricularização da extensão, assim como, a intersecção com outras disciplinas foram fundamentais para proporcionar uma experiência inovadora na formação inicial de professoras e professores. Adicionalmente, nos fez perceber que o universo das tecnologias digitais como o uso de celulares, presença em redes sociais e computadores com acesso a internet não são suficientes para agregar habilidades e competências para o uso educativo de tecnologias digitais na educação. Apesar de os estudantes estarem inseridos em uma graduação na modalidade EaD, é necessário objetivos pedagógicos definidos e suporte docente para o desenvolvimento metodológico da proposta, visando as aprendizagens necessárias, pois não se trata de uma ação qualquer, mas de atividades científicas que requerem procedimentos metodológicos adequados à luz de concepções teóricas, de modo que foi percebida as dificuldades das/os estudantes relacionadas à utilização de tecnologias digitais como ferramenta pedagógica na educação. O sentimento de insegurança em relação ao manuseio e finalidade dessas ferramentas demonstrou a necessidade de trazermos uma nova perspectiva de uso para/na formação de professoras e professores.

Diante disso, é importante ressaltar que a realização do projeto com enfoque na Pedagogia do Dispositivo foi fundamental para que os acadêmicos pudessem vivenciar práticas enriquecedoras através de uma metodologia ainda em expansão, os desafios devem ser percebidos como fonte de ampliação do conhecimento e como oportunidade de superação das dificuldades encontradas. Os professores orientadores tornam-se sujeitos importantes nesse processo, todavia, o acadêmico torna-se realmente protagonista na construção do conhecimento, buscando atingir os objetivos propostos através de um trabalho colaborativo no grupo ao qual pertence.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de Rondônia (Ifro), *campus Porto Velho Zona Norte* por promover a realização desse projeto de ensino por meio do Edital Nº 5/2024/PVZN - CGAB/IFRO, de 09 de fevereiro de 2024. Agradecemos o apoio da Coordenação do curso Licenciatura em Pedagogia - EaD e do corpo docente na realização de uma proposta desafiadora de caráter interdisciplinar e integrador na formação inicial de professoras e professores. Agradecemos às escolas participantes e demais agentes envolvidos que viabilizaram o desenvolvimento do projeto. Agradecemos as estudantes e os estudantes da licenciatura em Pedagogia - EaD que aceitaram o grande desafio de desenvolver e experenciar uma metodologia inovadora de projeto interdisciplinar, integrador, colaborativo e imersivo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI ° 14.113 de 25 de dezembro de 2020. Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), de que trata o art. 212-A da Constituição Federal; revoga dispositivos da Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007; e dá outras providências. Brasília, 25 de dezembro de 2020; 199º da Independência e 132º da República, 2025.

DOS SANTOS, Antonio Nacílio Sousa et al. Despertando consciências – por uma educação anticapacitista como caminho para processos educacionais inclusivos. Aracê, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 15561–15594, 2025. DOI: 10.56238/arev7n4-001. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/4185>. Acesso em: 10 apr. 2025.

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. In: Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 335-352, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/N5RryXJcsTcm8wK56d3tM3t/>. Acesso em: 10 de mar. de 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. 27 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernardete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmázo de Afonso. Políticas docentes no Brasil: um estado da arte. Brasília: UNESCO, 2011.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA. Resolução Nº 15/REIT - CEPEX/IFRO, de 13 de dezembro de 2021: Dispõe sobre a aprovação do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Modalidade EaD, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, campus Porto Velho Zona Norte.

MIGLIORIN, Cézar; et al. Inventar com a diferença: cinema, educação e direitos humanos. Universidade Federal Fluminense e Secretaria Especial dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONCEAU, Gilles. Transformar as práticas para conhecê-las: pesquisa-ação e profissionalização docente. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p.467-482, set/ dez/2005.

MOTA, Ronaldo; SCOTT, David. Educando para inovação e aprendizagem independente. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

QUINTELA, Ariadne Joseane Félix. Formação de professores: novas tecnologias, inovação e políticas públicas. In: QUINTELA, Ariadne Joseane Félix (org). Formação de professores: novas tecnologias, inclusão e inovação na educação profissional. Recife: Pipa Comunicação, 2022.

RODRIGUES, Alessandra. Narrativas digitais e experiência: exploração de conceitos e implicações para a educação em uma perspectiva humanista. Revista e-Curriculum, São Paulo, v.18, n.2, p. 692-714 abr./jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2020v18i2p692-714>. Acesso em: 10 de mar. de 2025.

SANTAELLA, Lúcia Maria. Cultura das mídias. São Paulo: Experimento, 1996.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. 14. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.